

PERSPECTIVAS DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR RETROSPECTIVO DAS ATAS DO ENPEC

SEXUALITY IN THE PERSPECTIVE OF EDUCATION: A RETROSPECTIVE LOOK AT THE ENPEC MINUTES

Ana Cristina Leal Moreira Lima 1

Andréa Costa da Silva 2, Vera Helena Ferraz de Siqueira 3

1 UFRJ/ Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)/ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e Saúde / . anamolima@ig.com.br

2 UFRJ/ Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)/ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e Saúde / . acostadasilva@gmail.com

3 UFRJ/ Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)/ Professora no Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e Saúde verahfs@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo investigamos sob que perspectivas a temática sexualidade vem sendo abordada nos trabalhos apresentados nas reuniões do ENPEC, em suas interfaces com a educação em ciências e saúde. Os resultados apontam para uma abordagem diversificada dos temas, com discursos ancorados principalmente em ações predominantemente interventivas. Identificamos uma recorrência do tratamento das questões da sexualidade no contexto escolar, em sua dimensão pedagógica, contemplando em todos os casos a questão da transversalidade dos temas, conforme preconizada pelos PCNs. A importância de mediações sócio culturais na sexualidade e nas ações educativas aparece com maior frequência nos trabalhos dos últimos ENPECs. O campo dos estudos culturais com enfoque em alguns pressupostos foucaultianos foi preponderante para estabelecer um diálogo com as perspectivas adotadas nos trabalhos analisados e indicar aspectos que a nosso ver vão ao encontro da complexidade que marca a questão da sexualidade e sua abordagem educativa.

Palavras-chaves: Sexualidade, gênero, educação, educação em saúde.

Abstract

We hereby present an investigation concerning the approaches given to sexuality in the papers submitted to the ENPEC bianual conferences. The results point to a diversified approach to the themes, with the discourses mainly relying in interventionist actions. We have identified that sexuality was discussed mainly in its pedagogical school dimension, always taking into account its transversality dimension, as preconized by the PCNs. The importance of the cultural and social mediations in sexuality and in the educational actions appeared more frequently in the latter ENPEC minutes. The cultural studies field with emphasis upon some foucaultian notions allowed us to establish a dialogue with some perspectives adopted in the papers and to put forward some aspects which we consider central if sexuality and sexual

education are to be taken in all its complexity.

Keywords : Sexuality, gender, education, health education

INTRODUÇÃO

O ENPEC, evento promovido bienalmente pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências – ABRAPEC, apresenta-se como um espaço importante para a discussão de questões pertinentes à Educação em Ciências, incorporando também a temática da Educação em Saúde, como aponta o estudo de Aguiar e Cabral (2005). Na amplitude das preocupações com os jovens, destacam-se, atualmente, a prevenção quanto ao contágio das DST/ AIDS e aspectos referentes à contracepção no desdobramento da discussão acerca da sexualidade. A escola e a mídia são apontadas por Knauth e Gonçalves (2006), como “palcos” de intervenção, sendo que a instância escolar desponta como elemento de divulgação e local de estratégias de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Nesta perspectiva o ENPEC representa um importante panorama da realidade da esfera acadêmica e docente nesta interface do conhecimento

A sexualidade está contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL: PCN, 1998), documento oficial distribuído em âmbito nacional. No volume que trata dos temas pluralidade cultural e educação sexual, o documento situa na década de 1980 a demanda por trabalhos na área da sexualidade: “devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens” (BRASIL: PCN, 1998, v.10, p.111), apresentando assim a justificativa da inserção da temática “sexualidade” no currículo.

A partir desse quadro, o currículo das escolas brasileiras também passou a ser pensado de modo a discutir as estratégias de prevenção. Os Parâmetros Curriculares Nacionais colocaram a sexualidade como tema transversal, cabendo às instituições escolares discuti-la de uma forma mais ampla, em todas as disciplinas. As mudanças nas práticas curriculares, como as que se referem aos PCNs, devem incorporar as contribuições trazidas pelas pesquisas para que então a prática dos professores possa ser reinventada, no contexto de sua atuação.

Nas últimas décadas as temáticas sexualidade, corpo e gênero são crescentemente contempladas nas políticas públicas, em projetos educativos e em trabalhos acadêmicos, aparecendo nos últimos com diferentes ênfases e sob enfoques variados. Tendo em vista oferecer uma contribuição para o conhecimento sobre essa produção, empreendemos o processo de identificação, seleção e análise dos trabalhos apresentados nas reuniões do ENPEC a partir das seguintes questões: a) Que construções teóricas se evidenciam nos discursos referentes à sexualidade, em suas relações com gênero e corpo? b) De que forma estes discursos se articulam com a educação em ciências e saúde?

A investigação se justifica pela importância de se oferecer visibilidade para as formas como o conhecimento sobre essa temática vem se desenvolvendo e assim, contribuir para a reinvenção das práticas educativas nos diferentes contextos formais e não formais em que ocorrem, e especialmente para a prática dos educadores do campo das ciências e da saúde.

Empreendemos nossa análise buscando relacionar os discursos que apareciam nos trabalhos sobre a temática em questão com algumas de suas condições de produção, principalmente a perspectiva adotada. Nesse entendimento, os discursos não apenas representam, mas constroem a realidade e são relacionados ao poder. Tendo em vista a discussão sobre sexualidade nas instituições da sociedade moderna onde tem lugar a educação, encontramos em Foucault (1988), na obra *A ordem do discurso* (2006), a idéia de que o discurso sempre se produziria em relações de poder, havendo duplo e mútuo

condicionamento entre práticas discursivas e não-discursivas. “Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala; temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar.” (FOUCAULT, 2006, p.9).

Será nessa “grade complexa” descrita por Foucault, ou malha discursiva, que passaremos a observar os trabalhos dos eventos.

A partir do corpus composto pelo levantamento de artigos encontrados nos CDs do evento, relacionados ao tema, estabelecemos os aspectos a serem discutidos na análise por sua recorrência e relevância. A análise empreendida deteve-se sobre as atas dos seis ENPECs como fonte primária de coleta de dados.

II - Percorso da pesquisa:

1ª Etapa: Constituição do corpus.

Para a seleção dos artigos, inicialmente optamos por empreender a busca a partir das palavras chave **sexualidade e/ou gênero e/ou corpo**. Essa busca não pôde ocorrer em relação aos trabalhos do I ENPEC, uma vez que os anais desse evento não ofereciam a possibilidade de busca por palavra - chave.

Em seguida refinamos a constituição do corpus da pesquisa através da leitura dos resumos individualmente, nas categorias **Apresentação Oral** e **Apresentação em Painel** que nos eventos posteriores foi substituída pelas modalidades **Comunicação Oral** e **Pôsteres**.

O I e II ENPEC foram excluídos porque nenhum trabalho teve como foco os temas propostos. Ao final da seleção, contamos com um corpus que contemplava o tema na perspectiva escolar ou em espaços não formais de educação, como também discussões epistemológicas sobre o tema, o qual foi submetido aos procedimentos analíticos.

2ª Etapa: Estabelecimento de questões para análise

Conforme já explicitado, tivemos como questões norteadoras do estudo:

- a) Que construções teóricas se evidenciam nos discursos referentes à sexualidade, em suas relações com gênero e corpo?
- b) De que forma estes discursos se articulam com a educação em ciências e saúde?

III - Apresentação dos dados e discussão dos resultados

Foi encontrado um total de 32 trabalhos publicados nas atas dos eventos abordando temas relacionados à sexualidade, corpo e gênero nas modalidades oral e pôster. A incidência de trabalhos aponta a ocorrência do tema “sexualidade” somente a partir do III ENPEC. Nos anos seguintes o número de trabalhos foi aumentando, sendo o V ENPEC o evento com mais trabalhos. No VI ENPEC houve um declínio do tema nos trabalhos apresentados. A menção dos PCNs foi relevante no total de trabalhos analisados, constituindo um referencial expressivo para muitos artigos.

A especificidade dos trabalhos se mostrou em relação a vários contextos e ênfases: sexualidade relacionada ao contexto escolar, sexualidade abordada em outros contextos, artigos que enfatizavam as questões de gênero e artigos que enfatizavam as questões de corpo.

Artigos sobre orientação e educação sexual na escola foram recorrentes ampliando e reafirmando a preocupação com a comunicação e com a prevenção como compromisso e função da escola. Temas como AIDS/HIV, gravidez na adolescência e formação docente apareceram de forma significativa, estando constantemente relacionados às questões de

educação em saúde. Poucos artigos contemplaram como tema principal os temas “corpo” e “gênero”, embora estas fossem questões frequentemente citadas nos artigos.

Quadro 1 - Frequência em que a temática aparece nos Eventos.

Evento	Total de trabalhos apresentados			Trabalhos que abordam sexualidade			Frequência Relativa
	Orais	Painéis	Total	Orais	Painéis	Total	
I Enpec	57	71	128	-----	-----	-----	-----
II Enpec	106	57	163	-----	-----	-----	-----
III Enpec	124	109	233	1	0	1	0,43%
IV Enpec	192	259	451	4	4	8	1,77%
V Enpec	378	360	738	5	10	15	2,03%
VI Enpec	617	341	958	5	3	8	0,84%
Total			2671			32	1,20%

3.1) Sexualidade no contexto da escola: abordagens diferenciadas?

No estabelecimento de um arcabouço que permeasse as disciplinas “formais” do currículo encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais colocando a sexualidade como tema transversal, cabendo às instituições escolares discuti-la de uma forma mais ampla, em todas as disciplinas. E assim, transversalizar um tema significa para os PCNs promover “uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos” (idem, v.8, p.40). De acordo com esse documento, os temas transversais devem abordar problemas fundamentais e urgentes da vida social: ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural, que devem ser trabalhados, ao longo de todos os ciclos de escolarização, de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos que atravessem as diferentes áreas do currículo e como extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. O documento preceitua um trabalho *trans* e *inter* disciplinar, pois dispõe que: “[...] não é possível fazer um trabalho na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida” (ibidem, v. 8, p. 40).

Os PCNs foram um tema recorrente no total de trabalhos analisados, seus pressupostos constituindo um referencial para muitos artigos .. Observou-se que as abordagens e/ou ênfases foram bastante diversificadas. Os trabalhos de Maurizzo e Martins (2005)¹, Bruschi e Klein (2003)², Villaça e Abreu (2005)³, Talamoni e Bertolli Filho (2005)⁴, discutem os PCNs, no intuito de fomentar uma percepção mais interdisciplinar no currículo praticado: Maistro e Lorencini Júnior (2005)⁵ enfocam a interdisciplinaridade do tema sexualidade identificando a

¹ Uma aplicação do método materialista histórico e dialético: análise do discurso de docentes. V ENPEC

² Sexualidade e adolescência na escola. IV ENPEC

³ Temas transversais: o que pensam os professores do ensino fundamental sobre a abordagem interdisciplinar desses temas. V ENPEC

⁴ Representações sociais do corpo humano: desafios e implicações para o ensino de ciências. V ENPEC

⁵ Os limites das possibilidades de desenvolvimento de projetos de orientação sexual na escola. V ENPEC

partir de estudo empírico uma visão pragmática da orientação sexual na escola. Ressaltam em relação à amostra estudada, que os professores “consideram os conteúdos de Biologia e Ciências suficientes para que os alunos compreendam a sexualidade, caracterizando assim, uma visão reducionista e biologista do sexo.” (p.1). Já Talamoni e Bertolli Filho (2005)⁶ discutem a questão da “biologização” do corpo humano articulando com questões dos PCN’s e chamando atenção para a importância de que professores do ensino de ciências e alunos do ensino fundamental considerem também os aspectos sociais e culturais que interferem na percepção do corpo: “afirmo de que o ensino de ciências possa ser privilegiado com novas perspectivas de abordagens do tema.” (p. 8)

No volume que trata dos temas **pluralidade cultural** e **educação sexual** os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL: PCN, 1998), documento oficial distribuído em âmbito nacional, situa na década de 1980 a demanda por trabalhos na área da sexualidade: “[...] devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens.” (BRASIL: PCN, 1998, v.10, p.111), apresentando assim a justificativa da inserção da temática “sexualidade” no currículo.

Neste contexto destacamos dois trabalhos sobre o tema HIV/AIDS: Ambos se propõem a avaliar o aumento de conhecimento dos sujeitos após serem submetidos a informações sobre o tema: Bertoi, Silva e Farias (2005)⁷ fazem uma análise quantitativa com dados estatísticos para avaliar aumento de conhecimento após oficinas. Os autores percebem a ação educativa como capacitadora de condutas positivas visando “combater comportamentos de risco”. Em Vieira et al. (2007)⁸, a partir de análise estatística propõe-se avaliar o impacto “do fornecimento de informações sistematizadas” considerando que “o principal fator associado com a disseminação de DST/AIDS/HIV é a falta de educação e informação”. Embora a questão da transversalidade seja abordada, percebe-se um enfoque da educação centrada na transmissão de conhecimentos pressupondo que a aquisição de informação esteja ligada de forma intrínseca à mudança de comportamentos.

Na discussão sobre a educação sexual, seria importante perceber sob quais perspectivas essa educação, tomada como específica, teria um panorama menos determinista e muito mais provocador. Nesse sentido, Britzman (2001.p. 89) aponta novos horizontes: “O modelo de educação sexual que tenho em mente está mais próximo da experiência da leitura de livros de ficção e poesia, de ver filmes e do envolvimento em discussões surpreendentes e interessantes [...]”.

Com essa perspectiva no campo educacional, a inadequação da controvérsia acaba por determinar o caminho, onde a experiência formadora deve ser estabelecida; o reconhecimento do imponderável paralisa as ações, principalmente quando têm seus pressupostos definidos *a priori*, impossibilitando o diálogo, a construção ou, nas palavras de Souza (2004, p. 130): “A falha, a falta, o limite não significam a recusa, a impotência, o estancamento. Essas condições são inerentes à condição humana e podem funcionar como aliadas da ação, da potência, da transformação do positivo”.

Esse referencial abre possibilidades para analisarmos a dificuldade da educação, em especial dos docentes, no tocante ao contato com o novo. A crença em uma possível essência constitutiva da subjetividade, que sustenta a representação identitária, permeia os discursos do currículo, pois encontra respaldo no saber dito científico, onde o lugar da incerteza, da dúvida é expurgado em detrimento da suposta racionalidade. Nas palavras de Souza (2004, p. 124):

⁷ Trabalhando na formação de professores com metodologia de oficinas lúdico-pedagógicas na prevenção à contaminação por dst’s e uso indevido de drogas. V ENPEC

⁸ Análise do impacto do projeto de formação de agentes multiplicadores de informação sobre DST/AIDS da Universidade Estadual do Norte Fluminense. VI ENPEC

“A exacerbação da razão responde pela exclusão do limite, da subjetividade cindida, das paixões; afinal, o que explicita os limites da razão (do *logos*) é a paixão (o *pathos*)”.

A discussão pedagógica sobre sexualidade dos jovens por vezes tende a fixar diretrizes sexuais investindo em categorias estreitamente construídas pela cultura, por categorias de gênero, por parâmetros da idade ou da regionalidade. “Pode o sexo ser educado e a educação ser sexuada?” Ou ainda: “Como seria a educação sexual se ela se tornasse indistinguível daquilo que Foucault (1985), em uma de suas últimas obras, chamou de ‘o cuidado de si’ como prática de liberdade?”, nos provoca novamente Britzman (2001, p. 93). A questão da sexualidade na educação é debatida pela autora na perspectiva de discutir impedimentos de uma pedagogia da sexualidade interessante e estimulante, onde exista a possibilidade de contemplar as relações entre curiosidade, liberdade e sexualidade.

A provocação de Britzman encontra resistência no modelo de sujeição moral incorporado pela escola; com o desenvolvimento de “uma arte da existência dominada pelo cuidado de si.” (FOUCAULT, 1985, p. 234), incorporando uma preocupação em focalizar a atividade sexual, e de “temê-la pelo conjunto de seus parentescos com as doenças e o mal” (FOUCAULT, op. cit). Segundo Britzman tais preocupações ou prerrogativas não impedem, contudo, que a sexualidade tenha seus mecanismos próprios, pois os movimentos da sexualidade são exteriores à cultura. Ela acredita que: “A sexualidade não segue as regras da cultura, mesmo quando a cultura tenta domesticar a sexualidade.” (BRIZTMAN, 2001, p. 89).

No estabelecimento de um padrão que orienta a adoção dos métodos psicológicos e pedagógicos, estaria embutida a percepção de uma pretensa conformação psíquica e cognoscente definida *a priori*, sendo relegada à premissa de que “a constituição da subjetividade se articula à história, no sentido de que o sujeito é marcado pela cultura da qual faz parte e pelas experiências imediatas que o singularizam”, diz Souza (2004, p. 121).

Assim a perspectiva do sujeito cognoscente, seja ele o aluno ou o professor, recebe qualificação: a inteligibilidade e o investimento na dimensão social merecem destaque no trabalho de Klein e Bruschi (2003)⁹

Uma proposta objetiva de intervenção dentro de uma instituição escolar seria a criação de projetos em educação em saúde sexual, com o intuito de não apenas atender interesses particulares, mas com um alcance social, **considerando a educação como processo de reflexão sobre atitudes e valores**, entendendo a sexualidade humana como importante elemento para a saúde e para a qualidade de vida, entendendo **a escola como mediadora do processo e educadores como formadores de cidadãos.** (p.8/9) (grifo nosso)

Garcia e Abreu (2003)¹⁰, mostram a preocupação de desenvolver no sujeito a compreensão do conteúdo programático, e uma possível aprendizagem. Este investimento teórico também perpassa a preocupação de Andrade et al. (2001)¹¹, Duarte e Diniz (2003)¹² e Bardi, e Campos (2005)¹³ ampliando e reafirmando a preocupação com a comunicação e com a prevenção como compromisso e função da escola; percebe-se assim os preceitos didático-pedagógicos, enunciados no comprometimento de uma prática voltada para a educação em saúde, norteados pela percepção educacional.

Os artigos de Garcia e Abreu (2003)¹⁴ e Nagem, Resende e Fonseca (2007)¹⁵ se

⁹ Sexualidade, adolescência e escola: uma abordagem interdisciplinar do IV ENPEC

¹⁰ Investigando a escola como ambiente para a prática da orientação sexual do IV ENPEC

¹¹ Como os livros didáticos de Ciências e Biologia abordam a questão da orientação sexual? III ENPEC

¹² Ensino de Biologia: investigando uma proposta metodológica para o tema reprodução IV ENPEC

¹³ Orientação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental. V ENPEC

¹⁴ Investigando a escola como ambiente para a prática da orientação sexual. IV ENPEC

¹⁵ Metáforas e significados da gravidez na adolescência na perspectiva da educação sexual. VI ENPEC

preocupam com aspectos da sexualidade, pontuando a questão da gravidez na adolescência. A atribuição “indesejada” ou “precoce”, presente nos artigos, à gravidez na fase adolescente a nosso ver já anteciparia um sentido antes mesmo de serem contemplados outros aspectos. Neste sentido, o pensamento foucaultiano leva a perguntar sobre a forma de nos relacionarmos com a “verdade” ou sobre quais perspectivas nos levaram a acreditar em certos regimes de verdade como únicos em determinado momento histórico. Devemos focar a profusão discursiva que atravessa o discurso sobre a sexualidade adolescente, no sentido de atribuir significados essencializados. Em um artigo intitulado: “O mal-estar brasileiro não é responsabilidade das meninas pobres”¹⁶ Maria Luiza Heilborn destaca a mistificação do fenômeno da gravidez na adolescência, e menciona os discursos diversos, sobretudo da mídia, que atribuem às jovens mães das grandes metrópoles parcela de culpabilidade no tocante ao aumento dos índices de criminalidade. A autora sinaliza sobre a “armadilha que volta e meia reaparece travestida de preocupação com a infância pobre”, associando-a ao despreparo juvenil diante da maternidade, à evasão escolar e assim ao índice de menores infratores, no desdobramento de uma ausência de planejamento familiar adequado.

A formação docente perpassa a preocupação dos artigos que vislumbram a mediação do professor nos chamados “temas polêmicos”, assuntos que normalmente são silenciados, mas acabam incorporados devido à demanda escolar preceituada pelos PCNs. Neste sentido apresenta - se o artigo de Garcia e Junior (2003)¹⁷ para os quais é “necessária a reeducação da sexualidade dos professores, no sentido de que possam eticamente desvelar tabus e preconceitos dos alunos “(p. 1) no investimento em um profissional que possa interagir com mais segurança no tocante aos debatidos “temas polêmicos”. Na mesma direção se desenvolvem os trabalhos de Abreu et al (2005)¹⁸ e Silva e Rosa (2005)¹⁹; este último levantando questões como homossexualidade entre professores.

3.2) Sexualidade: um contexto somente biológico?

Foram poucos os artigos que enfocavam as questões de corpo vinculado em algum nível à questão da sexualidade. Entre os que fizeram tal articulação está o artigo de Quadrado e Ribeiro (2005)²⁰ que traz uma relação entre os estudos culturais e corpo do adolescente evidenciando as fases deste período da vida e a centralidade do corpo na percepção de que :

Os discursos sobre os corpos nos constituem, produzindo modos de ser. Cada cultura funciona como um corpo social que produz corpos individuais. A família, a igreja, a mídia, a sociedade de consumo, a escola, através de seus discursos e de suas práticas, “trabalham” na produção dos corpos, daquilo que somos, como nos conhecemos como pessoas. Estes espaços sociais apresentam determinadas representações para nos constituir; nos tornamos sujeitos a partir de tais representações culturais, elas delimitam e habilitam o que podemos ser. (p. 4)

Destaca-se uma abordagem predominantemente pós-estruturalista também em Talamoni e Bertolli Filho (2005)²¹ que articulam as questões do corpo com a questão de

¹⁶ Disponível em: <http://www.clam.org.br> acesso em 15/04/2007

¹⁷ A implementação de um projeto pedagógico sobre sexualidade na escola: resistências e desafios. IV ENPEC.

¹⁸ O ensino de ciências a partir da realidade dos alunos: a corporeidade e sua representação na prática pedagógica. V ENPEC

¹⁹ Currículo e sexualidade memórias na formação de professores. V ENPEC

²⁰ Consumidores e consumidoras: problematizando as relações de consumo e suas inscrições nos corpos dos/as adolescentes

²¹ Representações sociais do corpo humano: desafios e implicações para o ensino de ciências. V ENPEC

capacitação dos professores e os PCNs.

É possível perceber uma preocupação com a análise da sexualidade voltada para o controle do indivíduo, consolidando o exercício do *biopoder* sobre a população. Este conceito desenvolvido em “*A História da Sexualidade I*”, obra de Foucault (1988), é essencial à discussão do processo disciplinador dos corpos. Sob este novo perfil da ciência e investindo neste sentido, é importante lembrar que este modelo de controle social denominado por Foucault de *biopoder*, consolida-se no decorrer do século XIX, sendo marcado por um forte investimento político na vida em geral, onde o controle da sexualidade é fundamental.

Vemos que o século XIX é o palco da consolidação da medicina como saber científico, em virtude de direcionar o olhar para o conhecimento dos corpos, seu funcionamento, assim como as percepções de saúde e doença. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988)

Escapando da instituição eclesiástica, a nova tecnologia do sexo vem a se desenvolver, desdobrando-se num tripé, com a medicina, a pedagogia e a demografia: a medicina se preocupando com a fisiologia própria das mulheres, a pedagogia tendo por objetivo a sexualidade específica da criança e a demografia voltando-se para a regulação espontânea ou planejada dos nascimentos.

Toda a produção sobre o corpo, sexualidade e reprodução na mulher passa a se estabelecer a partir das diferenças fundamentais entre homens e mulheres, e nesse sentido, a medicina é a mais verdadeira “ciência da diferença”, na qual se pode antever um projeto de medicalização do corpo feminino. Rohden (2001) mostra que a “medicina da mulher” seria a da sexualidade e da reprodução, pois além de tratar das ocorrências dos órgãos reprodutivos preocupava-se com uma verdadeira ciência da feminilidade e da diferenciação entre homens e mulheres.

As diferenças existentes entre os sexos não se restringiam ao aspecto biológico, como foi dito anteriormente, mas aos papéis sociais. Acreditava-se que o homem nascera para mandar, conquistar, realizar. Para os iluministas, a mulher era incapaz de assumir responsabilidades cívicas. E a ciência, ou a medicina, só acrescentam cada vez mais novos e intrigantes detalhes que provam a intransponibilidade da diferença.

Um dos principais fenômenos constitutivos dessa mudança foi a separação da sexualidade da reprodução. Esse movimento provocou uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, diante da flexibilização das fronteiras do homem e da mulher no espaço público e privado.

Observamos que as questões de gênero presentes nos artigos levantados pareceram ecoar estas discussões convergindo para o debate entre o sujeito socialmente construído e o referencial biológico. Esta é uma discussão evidenciada nos artigos de Frota (2005)²² e Sousa et al (2007)²³ que abordam tensões de gênero existentes dentro de um contexto de ensino de ciências. Neste artigo, através da análise dos relatos dos alunos de um curso oferecido pelo Programa de Vocação Científica na Fundação Oswaldo Cruz, os autores sinalizam a percepção dos mesmos para aspectos positivos da predominância feminina no curso, destacando também entre os achados a percepção de que os participantes identificam que as moças possuem maior preocupação com o futuro profissional e consideram a Biologia como

²² Ensino/aprendizagem em física: uma questão de gênero? VI ENPEC

²³ A visão de alunos sobre a predominância feminina no programa de vocação científica da Fundação Oswaldo Cruz. VI ENPEC

uma área eminentemente feminina. Já o artigo de Magalhães e Ribeiro (2007)²⁴ tem uma abordagem pós-estruturalista fundamentando o conceito de gênero como uma construção sócio-histórica produzida sobre as características biológicas. Investe na perspectiva do “conceito de gênero como uma construção sócio-histórica produzida sobre as características biológicas” (p.5) e contrapõe-se a discursos neurocientíficos que consideram homens e mulheres biologicamente distintos, acreditando ser a relação diferenciada entre os sexos decorrente desta distinção.

Segundo relata Foucault (1988), a partir da Idade Moderna não cessaram os interditos em relação à sexualidade, mas cada vez mais se deu a “colocação do sexo em discurso”. O que, ao invés de produzir mecanismos de repressão, submeteu a sexualidade a uma crescente incitação discursiva, elemento central para constituir uma ciência da sexualidade. Esse paradoxo transparece.

Assim a mesma “vontade de saber” do poder discursivo que permeia os enunciados aparece de forma contraditória nas práticas. Cabe-nos tentar perceber os múltiplos e móveis campos de correlações e forças, sem, no entanto, estabelecer qualquer juízo de valor acerca da sua origem.

Na mesma medida que Foucault discute a vontade de saber, argumenta sobre o reconhecimento da vontade de verdade que atravessa o plano discursivo. Esta vontade de discursos de verdade é consecutivamente incorporada por instâncias distintas, para dar justificação a um discurso anterior. A possibilidade de fazer os alunos falarem aparece incorporada, demonstrando a preocupação em fazer proliferar os discursos sobre sexualidade, marca da sociedade moderna, tão discutida por Foucault (1988, p. 29): “Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se, objeto de disputa, e disputa política; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.”

Nesta possível visibilidade discursiva investem os trabalhos de Carvalho (2003)²⁵ e Silva e Rosa (2005)²⁶, este último evidenciando que “não nos interessa buscar definições ou conceitos mas aprofundar a discussão que permeia estes campos de conhecimento”. (p.2)

Ainda sobre o discurso da sexualidade, Foucault ressalta que não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou dominante e dominado mas admitir uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (FOUCAULT, 1988)

O conceito de sexualidade aparece híbrido de significações, como nos trabalhos de Ribeiro (2003)²⁷ e Carvalho (2007)²⁸ os quais contemplam aspectos mais abrangentes para a discussão, para além dos aspectos biológicos na discussão da sexualidade. Em Ribeiro (2003), por exemplo, a discussão sobre sexualidade no curso “Discutindo e refletindo sexualidade - AIDS com professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental” serve para abrir a arena de discussões sobre o corpo e sexualidade, levando à conclusão que “a sexualidade tem sido tomada como um atributo de natureza puramente biológica, cuja genitalidade e os conhecimentos e procedimentos a ela associados não só garantem um comportamento saudável e o auto cuidado do corpo, mas também fixam nos sexos (atributos biológicos) e explicam a partir deles aquilo que é da natureza do homem e da mulher” (p.1)

IV. CONCLUSÃO

²⁴ Cérebro, hemisférios cerebrais, genes, cromossomos: a biologia ensinando modos de ser homem e mulher. VI ENPEC

²⁵ Aprendendo e ensinando: caminhos do *faz de conta* ao real de professoras educadoras sexuais, do IV ENPEC

²⁶ Currículo e sexualidade memórias na formação de professores V ENPEC

²⁷ Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. IV ENPEC

²⁸ Educação sexual: Conflito entre saberes biológicos e culturais. VI ENPEC

A temática sexualidade está contemplada em um total de 32 trabalhos apresentados nos ENPECs. Consideramos que em relação ao total de trabalhos apresentados nesse evento acadêmico, este ainda é um número bastante reduzido tendo em vista a importância da temática da educação sexual no campo de ensino de ciências.

Uma observação mais panorâmica, oferecida pela abordagem quantitativa sobre a incidência de trabalhos aponta a ocorrência do tema “sexualidade” somente a partir do III ENPEC, em que o primeiro trabalho sobre livros didáticos e sexualidade inaugura a discussão. Nos anos seguintes o número de trabalhos foi aumentando significativamente. O V ENPEC foi o evento com mais trabalhos, até agora. Curiosamente no VI ENPEC houve um declínio do tema nos trabalhos apresentados. Apesar de não encontrarmos razões aparentes para o fato, observamos a inclusão de novas abordagens como, por exemplo, a temática “corpo” circunscrita à sexualidade ou não.

O campo dos estudos culturais tem recebido investimento crescente nos trabalhos apresentados, no entanto trabalhos que utilizem “gênero” como categoria teórica ainda são raros. Os trabalhos que contemplam esta categoria muitas vezes o fazem de forma pulverizada. Um aspecto importante a ser ressaltado é que a abordagem da sexualidade por um viés biologizante foi paulatinamente diminuindo dando lugar a abordagens mais amplas que contemplam perspectivas histórico-culturais.

O corpo, a sexualidade na escola, a formação docente e a relação ensino aprendizagem são exemplos de temáticas abordadas nos trabalhos do Enpec. Os discursos sobre a sexualidade, conforme nos sinaliza o pensamento foucaultiano, trazem à baila os elos entre a sexualidade, a subjetividade e a verdade. Em alguns trabalhos a escola constituiu o *locus* da discussão, na possibilidade de fazer o docente ou o aluno falar, talvez na tão discutida preocupação do aparato saber /poder de Foucault (1988). A visibilidade discursiva é ancorada principalmente no espaço escolar, em que aparece por meio de ações predominantemente interventivas, por vezes na perspectiva da Educação em Saúde ou no investimento pedagógico por meio das práticas docentes ou observações sobre o currículo. A vinculação do tema aos PCNs aparece em número significativo de trabalhos, perfazendo quase a totalidade quando a abordagem se dirige ao campo escolar. Os saberes intercambiáveis, imprescindíveis à dinâmica da interdisciplinaridade preceituada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e emergentes na discussão educacional contemporânea, aparecem em alguns trabalhos buscando uma possível solução para o efeito colateral de eventuais determinações da estrutura escolar, na busca de visibilidade e de resultados mensuráveis em vinculação direta com a normatividade pedagógica.

Não nos cabe aqui, pelo recorte apresentado e diversidade de material pesquisado oferecer prognósticos, tendo em vista os pressupostos teóricos- metodológicos adotados. A perspectiva adotada foi, como já dito, oferecer visibilidade a uma produção e desta forma mostrar um panorama do assunto em suas muitas interfaces. No contexto da educação em ciências e saúde, buscamos oferecer outras argumentações, em contraponto às percepções essencializadas sobre a sexualidade dos jovens, uma tônica em muitos trabalhos, ignorando a tensão entre a complexidade da subjetividade individual e as demandas da saúde e educação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rosane C. B. de, CABRAL, Ivone E.. A Temática da saúde nas atas do Enpec: apontando demandas de investigação em Ciências. **Ata V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em ciências**. 2005

Atas – I ENPEC – I Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências - Águas de Lindóia:

ABRAPEC, 1997.

Atas – **II ENPEC** – II Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências - Valinhos: ABRAPEC, 1999.

Atas – **III ENPEC** – III Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências - Atibaia: ABRAPEC, 2001.

Atas – **IV ENPEC** – IV Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências - Bauru: ABRAPEC, 2003.

Atas – **V ENPEC** – V Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências - Bauru: ABRAPEC, 2005.

Atas – **V ENPEC** – V Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências - Bauru: ABRAPEC, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação dos temas transversais, saúde/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b. 146p.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. in: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 13. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2006.

_____. **História da sexualidade I.** São Paulo, SP: GRAAL, 1988.

_____. **História da sexualidade III.** São Paulo, SP: GRAAL, 1985.

HEILBORN, Maria Luiza O ultra-som de uma “tragédia” nacional. **Folha de São Paulo,** São Paulo, fevereiro de 2005.

KNAUTH, Daniela Riva e GONÇALVES, Helen. Juventude na era da Aids: entre o prazer e o risco. In: ALMEIDA, Maria I. Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.** Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2001

SOUZA, Meriti de. Fios e furos: a trama da subjetividade e a educação. **Revista brasileira de educação.** Rio de Janeiro, RJ, n 26, p. 119-132, maio/jun./jul./ago., 2004.